

A LÍNGUA VERNÁCULA NA VISÃO DE REDADORES BAIANOS 1920 – 1921

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – BA

RESUMO: *Neste texto, Zenaide Carneiro analisa trechos de três colunas sobre a língua publicadas em jornais da Bahia na década de 1920. O eixo é a coluna de Galdino Moreira (Galmor), do qual a autora mostra o posicionamento em uma contenda própria à sua época: entre puristas e defensores da especificidade da língua portuguesa do Brasil. A análise mostra como Galmor se afirma contra o purismo e a favor das especificidades do português brasileiro em traços como: o acolhimento de expressões consideradas “estrangeirismos”; o enunciar do lugar de leigo, afirmando o seu dizer como “opinião” e colocando-se, então, como um do povo; o respaldo da fala do povo pela fala de literatos; as designações do português do Brasil – assumido por Galmor como “nosso” - em contraponto às do português de Portugal.*

ABSTRACT: *In this article, Zenaide Carneiro analyzes excerpts from three columns about language published in newspapers of Bahia in the decade of 1920. The axis is the column of Galdino Moreira (Galmor) of whom the author shoes his positioning in a debate current at his time: that between purists and defenders of the specificity of Portuguese in Brazil. The analysis shows how Galmor takes position against purism and favorable to specificities in Brazilian Portuguese in traces such as : his acceptance of expressions considered to be “foreignisms”; his enunciation as a layman, stating his speech as an “opinion” and thus putting himself as one of the people; the corroboration of the speech of the people through the speech of literates; the designations of Brazilian Portuguese – assumed by Galmor as “ours” – contra-posed to European Portuguese.*

1. Apresentação

Os debates em torno da língua nacional em 1920 estimularam a participação na imprensa de professores e jornalistas através de colunas conhecidas como consultórios gramaticais, que tinham como um dos objetivos na época atestar a vernaculidade do português falado e escrito no Brasil.

O interesse por esse tipo de texto recai sobre a maneira como as idéias a respeito da constituição da língua portuguesa no Brasil eram postas por outros que não gramáticos e filólogos já conhecidos. De outro lado, possibilita também o contato com a produção escrita fora de centros como Rio de Janeiro e São Paulo. Em vista disso, o objetivo deste trabalho é fornecer alguns dados sobre o processo de gramatização brasileira do português, em um momento específico, a década de 20, na Bahia. O material analisado, fotografado no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico e da Bahia (AIGHB) e do próprio jornal arquivado na Biblioteca Pública de Salvador, consta, principalmente, de 23 textos redigidos por Galdino Moreira, o Galmor, redator da coluna *Cousas do Vernaculo* publicada no *Jornal de Noticias* entre 1920 e 1921; e de dois outros, o de Francellino de Andrade, redator da coluna *O Vern'aculo* publicada no mesmo período no *Jornal Diario de Noticias* e o de J. Teixeira Barros da coluna *Anomalias Gramaticais*.

2. Vernaculidade e vernaculismo – oposição ao purismo

O que é certo, parece-me, é que ‘o purismo puro dos puristas, nada mais é que bonito – ‘fogo de palha’! (Cousas do Vernaculo, 25/11/1920)

A década de 20 é ainda de muita indefinição com relação às discussões sobre a língua portuguesa no Brasil. Como se sabe, a alegação corrente era de que os escritores e os brasileiros cultos não escreviam na língua “pura” de Portugal ou de que no Brasil se falava um português “degenerado”. A atitude daqueles que defendiam que no Brasil se escrevesse e se falasse como em Portugal era considerado por outros com um ato de purismo extremo.

Na proposta de Eduardo Guimarães (1996:137) sobre o processo de gramatização brasileira do português, o período que compreende o fim do século XIX até os anos 30 do século XX é definido como fortemente marcado pela militância ou a favor da especificidade do português do Brasil ou a favor do classicismo, do purismo. O que, para o autor, caracteriza esse processo como tendo em si uma contradição “que inclui o efeito imaginário de que no Brasil não se fala corretamente. De um

lado, “a independência”, de outro a inferioridade como efeito ideológico da relação do brasileiro com a língua que fala e/ou escreve.”

A rejeição de Galdino Moreira, de *Cousas do Vernaculo*, aos puristas defensores do vernaculismo lusitano parece ser resultado dessa contradição. Essa rejeição ao que denomina de gramatiquice dos puristas é freqüente em sua coluna, conforme pode ser percebido a partir de suas declarações feitas nos meses de outubro e novembro de 1920, “Alguns puristas têm acoimado de gallecismo inutil...”, “Alguns puristas, todavia, não n’a querem...”.

Por se dizer contra os puristas, Galdino Moreira passou a ser criticado por seus colegas.

Não me animam, em absoluto, no rabiscar a carturrice presente, intuitos de controversia, nem de apoio ou desapoio a este ou aquelle dos adversarios. (*Cousas do Vernaculo*, 25/09/1920)

Mas, a despeito de suas críticas explícitas aos puristas, Galdino Moreira não consegue romper com algumas atitudes que os caracterizaram, como o culto exagerado aos clássicos, por exemplo.

Tenho commigo, porém, a vaidade de gostar dos que sabem, dos que pensam, dos mestres, alfim (...) Mestres, porque são classicos. São “classicos” porque sabem escrever. Cultuo como reverencioso amôr esses “classicos”, porque fizeram da lingua, em que balbuciarão os primeiros nomes, uma doutrina, um al[t]ar, uma hostia. (*Cousas do Vernaculo*, 11/1920)

Na realidade, a alegação de que os clássicos “são ‘classicos’ porque sabem escrever” vai exercer ainda uma função importante no processo de argumentação de Galdino Moreira, a de servir como parâmetro para ‘legitimar’ e defender a vernaculidade do português do Brasil.

Folheando com prazer a obra do meu collega e amigo, prof. Francellino de Andrade, “O Vernaculo”, encontrei, á pág. 9 estes dizeres: “Quando alguém diz ou escreve: VENHO DE ler os Miseraveis de Hugo”, VENHO de soffrer em contratempo”- não falla nem escreve portuguez, está sim traduzindo mal o “venir de”, correspondente ao nosso genuino “acabar de”. O Professor Francellino, nesse trecho, como em outros, segue uns poucos grammaticos, como o sr. Candido de Figueiredo á frente que acoimam todos de francesia a locução “vir de” por “acabar de”. Gostara eu de concordar sempre com o illustrado professor

bahiano. Desta vez, porem, vejo-me obrigado a dissentir de sua opinião (...). *Fio eu que o meu collega Francellino, logo que tenha de reimprimir o seu bem feito "O Vern'culo", corrija a faltinha que lá commetteu de impugnar uma locução que tem "o sim" dos mestres. Sei que o fará.* (Grifo meu). (Cousas do Vernaculo 1/10/1920)

Mas se por um lado, as inovações lingüísticas brasileiras defendidas por Galdino Moreira precisavam necessariamente da "chancela dos clássicos" (Edith Pimentel, 1978), de outro, definir quais escritores sabiam ou não escrever não era um ponto pacífico entre os redatores da época, conforme se pode observar a seguir na atitude de Galdino Moreira com relação à resposta de Francellino de Andrade, redator de *O Vern'culo* a uma crítica sua.

(...) Minha segunda impressão foi de profunda magoa. E porque? Porque o professor bahiano declarou que os textos que citei, que os classicos que nomeiei não são nem "regra" nem "excepção", mas 'enfermidades da linguagem', (...) Ora, collega, si os textos citados por mim são "enfermidades da linguagem" e, dahi falhas erroneas, porque deles se utilizou o collega na sua réplica? Porque tentou firmar nelles a sua doutrina. Por que, ainda, os repetiu em grande parte, na sua treplica? Antes, taes textos eram vallidos: antes, serviam para argumento de sua réplica e treplica, antes tinham valor classico, e... Hoje (...). Ainda outra cousa que me entristeceu, foi o ultimo periodo da treplica do collega, em que timbra por affirmar que conservará intacto o que escreveu á pág. 9 de seu livro – "O Vern'culo". (Cousas do Vernaculo, 1920)

Essas disputas verbais servem ainda de indicativo da maneira como as discussões sobre a língua vernácula eram calorosas, principalmente nas respostas aos "erros" e falhas encontradas por colegas, o que parece refletir a "inferioridade do brasileiro" com relação à maneira que escreve, a que se referiu Eduardo Guimarães (op.cit.).

Em sua coluna *O Vern'culo*, Francellino de Andrade também se defendia das críticas dos colegas.

Prosigo intemorato a derrota que me tracei na defesa do meu livro, em que dôa ás iras dos Jupiteres Tonantes, branditores de falsos raios, que me não attingem, pois é meu broquéi adamantino a doutrina sã, segura e perfeita dos adais da boa linguagem. *A' chacum som métier.* Arguem de invernacula os meus censuradores

a phrase escoreita, a pagina 16: (...) *Ubi veritas?* Avaliem, com imparcialidade, os mestres, a quem entrego esta defesa. (...) Increpam-me de erro o trecho legitimo de “O Vern’aculo”. (...) E ate á Vista. Bahia, Novembro de 1920. Francellino de Andrade. (*O Vern’aculo*, 4/11/1920).

Mas Galdino Moreira, mesmo fazendo a defesa exagerada dos clássicos, conforme excerto acima, contrasta com seus colegas pelo seu estilo original na medida em que, ao contrário do texto de outros redatores da época, aventurava-se em observações pessoais.

Será erro “tu e você” simultaneamente empregados, olhados pelo mesmo prisma do uso, da linguagem do nosso povo, da nossa linguagem? É erro, até agora. Mas, o que desejo é que se arranque das grammaticas a regra bolorenta, inveridica, entre nós, de que “tu e você” não devem andar juntos, para unil-os para equiparal-os, para dar-lhes o logar que já, de verdade, occupam no nosso modo de dizer. (...) Torno a repetir o que disse na entrada. Não escrevi esta caturrice com o intuito de controversia, nem para desmerecer colegas. Apenas emitto uma opinião, desvaliosa, sem luzes, pallida. Mas, é uma opinião, como qualquer outra. Aceitem-na ou rejeitem-na. A’ vontade. (Cousas do Vernaculo, 25/09/1920)

O tom de “manifesto” de Galdino Moreira não parece ser comum nesse tipo de coluna como se pode ver através da comparação de um texto de J. Teixeira Barros da coluna *Anomalias gramaticais* publicada no mesmo período. Esse redator praticamente reproduzia trechos de gramáticos.

Pacheco Junior e Lameira de Andrade, alludindo aos pronomes de reverencia assim se exprimem com respeito a você. “*Você só se emprega em linguagem familiar, e dela quasi desterroo completamente o pronome vós, conservando todavia os seus fôros nobiliarios (3ª pessoa), suas prer[r]ogativas de reverencia (...).*” (*Anomalias Gramaticais*, 1920)

Mas acredito que a parte mais forte da argumentação de Galdino Moreira e o que o faz se destacar de seus contemporâneos seja a utilização dos conhecimentos lingüísticos e filológicos da época para definir a vernaculidade do português do Brasil em oposição ao que denomina de vernaculismo lusitano. Embora tenha declarado em sua coluna datada de 15 de setembro de 1920 não ter uma opinião formada sobre o termo

“Dialecto brasileiro”. Mas, na sua resposta ao leitor UM APRENDIZ, parece acatar as idéias defendidas pela monografia *A língua portuguesa no Brasil* de Virgílio de Lemos, como citado pelo próprio Galdino Moreira na coluna de novembro de 1920.

Não tenho ainda opinião segura sobre qual a melhor dessas escolas. Todavia, acho que nesse ponto, UM APRENDIZ encontra subsídios para firmar uma opinião mais ou menos definitiva, na erudita e bem feita monographia, “A língua portuguesa no Brasil” – edição de 1916 – Bahia – da lavra do intelligente philosofo patricio, professor Virgilio de Lemos. Por mim, parece-me ser esse actualissimo trabalho a melhor obra sobre o assumpto, até agora. (...) estou certo que nella encontrará resposta satisfatoria a pergunta que me fez. (Cousas do Vernaculo, 15/09/1920).

Virgílio de Lemos (1916:123-124), que na época editava também o jornal *Diario de Noticias*, defende um dialeto brasileiro, ou um *forte conjunto de fatos dialetais* incluindo aí as variedades populares, dizendo serem os fenômenos que nelas produzem da mesma ordem dos que se produzem nas demais línguas. A língua é definida como um organismo vivo. Cabendo à lingüística justificar as *modificações e alterações* “sofridas pela língua portuguesa na boca do povo brasileiro, determinando-lhes as *causas* e formulando-lhes as leis” (op. cit. 116). Ao lugar do gramático caberia disciplinar e evitar o uso de “*vícios, degenerações e corruptelas*”. O que se define como erro na escrita de escritores brasileiros é para Virgílio de Lemos ocasionado por força de *hábitos mentais* adquiridos na fase individual das primeiras aquisições lingüísticas sob influência do dialeto familiar.

Essas idéias parecem ter influenciado e de certa forma orientado a argumentação utilizada por Galdino Moreira, principalmente no que se refere à definição de língua e à participação do ‘povo brasileiro’ na constituição da língua vernácula, como se verá mais adiante. No que se refere ainda à questão dos clássicos, como se viu, nem sempre os escritores considerados clássicos e legítimos defensores da vernaculidade do português do Brasil por Galdino Moreira são considerados como tal por Francellino de Andrade, que considerou os clássicos citados por Galdino como ‘enfermidades da linguagem’. Uma unanimidade para ambos é Rui Barbosa, tido por Galdino como o “mestre maior”, “o maior pontifice do vernaculo”.

O “uso clássico”, recurso comum aos três redatores citados, funciona não somente para legitimar o bom uso do vernáculo. Em

Galdino Moreira, é bastante revelador na medida em que funciona também para legitimar a participação do povo no processo de constituição da língua nacional.

“Fôgo de palha” (...) Ora bem. Um dos nossos dicionaristas achou que a expressão não é boa e, com elle alguns puritanos rigorosos acharam qui se devia dizer, em logar della, ‘fumo de palha’. E por que? Porque dizem, é copia do francês – ‘feu de paille’ – e, conseqüentemente, é gallicismo. Não me parece razoavel o re-proche. A expressão não sómente é popular, é dos classicos, como o Camillo. (Cousas do Vernaculo, 09/11/1920)

Como a definição de Galdino Moreira sobre a língua vernácula era fortemente ligada à concepção de uma norma literária, a participação popular também estava condicionada ao uso consagrado pelos escritores, aqueles que de fato “sabem” a língua, como declara ainda em outras partes de sua coluna de setembro de 1920 – “(...) a pronuncia do nome d. “Iria” ha de ser com a syllaba inicial tonica. Sei que assim pronunciam os que sabem. Mas em Minas e em S. Paulo, os cabôclos deslocam o acento para o RI: “Síá Iria”.

A sua concepção de *povo*, nesse aspecto, assemelha-se à de gramáticos como Saíd Ali (Guimarães, 1999:17): “O povo, o sujeito social, é o sujeito da língua nacional, mas enquanto determinado pelo “falar culto” (...) A normatividade não é, para ele, da língua enquanto linguagem, mas da língua nacional que opera uma expropriação da língua do povo formulado como sujeito de sua própria língua”.

Essa “expropriação” do povo aparece em trechos como: “não teve o gazalhado dos mestres”. Em alguns casos, esse distanciamento é ainda mais nítido, como se observa a partir de expressões do tipo, “posto em evidencia na linguagem da plebe”. Ou de expressões valorativas sobre o uso da língua: “é português de gente boa”; “portuguez de lei e vernaculismo de gente boa”; “bem andaram alguns mestres da lingua que empregaram sem medo a palavra. Logo, a lunêta não fica em máo logar no vernaculo”.

Essa visão de um português corrompido é uma atitude que também caracteriza os puristas. E se Galdino, por outro lado, reconhece que há uma língua do “povo” em expressões como: “a construção do verbo FAZER duplicado é muito do povo”; “o povo até já flexiona...”; “o povo emprega igualmente, com abundancia e graça, a forma reflexiva do verbo fazer”. É de um povo que “erra” conforme declara nesse trecho: “o nome do nosso passaro mavioso é ‘curió’, mas, no sul do paiz, por defeito de pronuncia plebéa, diz-se tambem ‘curiol”’.

3. A linguagem do “nosso” povo

É de nosso povo, é de toda gente phrases quaes estas: Fazer comida, Fazer doce, Fazer roupa... (Cousas do Vernaculo, 25/09/1920).

Entretanto, a exclusão da participação do “povo” no processo de constituição da língua nacional não é um argumento que prevalece na coluna de Galdino Moreira. Até porque, a sua posição de não especialista, de pessoa comum, parece servir de estratégia para que ele se coloque ao lado do povo. As explicações de cunho lingüístico prevalecem no texto do redator, que usa desse recurso quando pretende justificar, por exemplo, as diferenças regionais.

“Disseram-me que na Bahia se erra dizendo “raspadura” em vez de “rapadura”. Que diz V. Exa?” A lingua portuguesa possui dous verbos muito affins: “rapar” e “raspar”. Ambos nos vieram do allemão – “rapon” e “raspon”. A significação desses dous verbos é quasi identica. (...) Ora, sendo ou de “rapar” ou “raspar”, julgo legitimas as fórmias – “rapadura” e “raspadura”. Em Minas, e, geralmente, no sul do paiz, prefere-se a primeira palavra – “rapadura”, que designa “o assucar coagulado em tijolos maiores ou menores”. Na Bahia, e, geralmente, no norte, prefere-se “raspadura”. (...) Mas, quem se atreverá a convencer aos vendedores que, d agora em diante, com seus “balaios” de bonitas “rapaduras”, e cantarolar, a gritar e o mercar, devem dizer: “Olha a rapadura”. “A Rapadura”! Quem? Fique a raspadura’. Quer o TERCIO um pedacinho? Venha busca-lo”. (Cousas do Vernaculo, 1920?)

O fato de Galdino Moreira se incluir enquanto povo no lugar de não especialista que diz ser, é bastante emblemático.

Muito bem. Temos, nesse ponto uma questão simples de autoridade. Eu falei pela bocca de mestres de philologos, de sabios como Heraclito, como o Ruy e como o Aulete. O professor Francellino falou de si e por si. Por isso deixo ao leitor, agora, a escôlha: ou acceitar a doutrina daquelles gigantes, (pelo menos é o eminentissimo Ruy, ou acceitar a do professor cá da Bahia (Cousas do Vernaculo 1/10/1920)

Esse lugar o livra das críticas e das insinuações, principalmente de Francellino de Andrade, sobre a sua incapacidade para determinar o que seja a língua vernácula. Embora rejeite os argumentos do colega

Francellino de Andrade por não ‘falar pela boca de ‘mestres’, principalmente aqueles assim considerados pelo domínio público, como já referido anteriormente.

Eis, pois, onde me acho. Minha doutrina, sem valôr, por certo, que não sou autoridade, é que no estado actual da língua portuguesa, no Brasil, o emprêgo simultaneo de “você” e de “tu” deve ser transformado em lei, em regra, em facto, deve substituir a regra até agora adoptada ao discrimine daqueles dous tratamentos ao falar intimo, amigo, familiar. (Cousas do Vernaculo, 25/09/1920)

É ainda na condição de “leigo” que Galdino Moreira se coloca mais próximo de seus leitores.

TERCIO é o pseudonymo de um estudioso que me honrou com bem feita missiva, pedindo-me a opinião, aliás desvaliosa, sobre alguns pontos do vernaculo, que o mesmo, talvez por modestia, “julga difficeis de resolver”. E, para que TERCIO me não queira mal, tentarei dizer-lhe o pouco que saiba respeito ás suas duvidas. Tenha a palavra (...). (Cousas do Vernaculo, 1920?)

4. Do Brasil e dos brasileiros

Falo do Brasil e dos brasileiros. Em Portugal, já é diferente (Cousas do Vernaculo, 25/09/1920)

O entusiasmo demonstrado por Galdino Moreira no seu texto é um outro ponto que o diferencia de seus colegas. Assim como o enfoque que deu às diferenças lingüísticas entre Brasil e Portugal, como fica evidente a partir do uso bastante freqüente do possessivo “nosso” para definir o português do Brasil em oposição à variante lusitana. Ou ainda de expressões usadas por ele para se referir às variações regionais no Brasil ou as que denominam o país como um todo:

Discute-se, actualmente, entre nós, a questão interessantissima do emprego escoreito de *tu* e *você* (...). Em Portugal, já é diferente. (...) O que se diz em Portugal é *vosseria*, *vossencia*, o *senhor*, a *senhora vós*. No Brazil os pronomes de tratamento tem discripe perfeito. São: *Vós*, *V.Ex.*, *S.S.*, *S. Exc.*, *Senhor*, *Senhõra*, *Você*, *Tu*. Ninguém erra com empregar os cinco typos primeiros. O em que se erra é, precisamente, no emprego de *você* e *tu*, defrente aos canones grammaticaes. Chego aonde ia. No Brazil, na linguagem familiar peculliarmente nossa, *você* e *tu* não se

mais discriminam. (...). E a tendência forte, imperiosa, a linguagem amiga, de unir “tu a você”. (Cousas do Vernáculo, 25/09/1920)

Essas expressões são frequentes em sua coluna, conforme se verifica no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Denominações da língua portuguesa no Brasil e em Portugal na coluna *Cousas do Vernáculo* de Galdino Moreira

PORTUGUÊS DO BRASIL			PORTUGUÊS DE PORTUGAL
<i>Uso do possessivo nosso(a)</i>	<i>Expressões que se referem às diferenças regionais</i>	<i>Expressões que se referem a variante brasileira do português</i>	<i>Expressões que se referem ao português de Portugal</i>
Da linguagem nossa	Em Minas	Dialeto brasileiro entre nós	em Portugal, já é diferente
é do nosso falar quotidiano	no sul do paiz	uso nacional	linguagem lusitana
espontanea de nossos atos linguisticos	no norte	No estado atual da língua portuguesa, no Brazil	o que se diz em Portugal
Da linguagem do nosso povo	mas em Minas, em São Paulo	falo do Brasil e dos brasileiros	preferida dos lusitanos
Da nossa linguagem	já se usa no Norte do Brasil	no Brazil	
nosso modo de dizer	nos lábios do nosso povo baiano	hoje entre nós	
nosso linguajar diário	em Minas	aos brasileiros	
é do nosso povo, é de toda gente phrases quacs estas	na Bahia e geralmente no norte se diz	Brazileiros	
nosossos dizeres intimos	entre os bahianos é expressão usual: “fazer café”	É de casa	
cousas do nosso falar	onde os sulistas empregam de preferencia “coar café” ou “escaldar café”	modca nacional	
Nosso	na região nortista do Estado de Minas, porém, “coar café” viu-se aniquilado	passa no linguajar quotidiano do povo brasileiro	
Nossa lingua	o que se explica pela influencia da familia bahiana nos limites dos dois Estados		
é nosso	entre os bahianos		
Nossa lingua portuguesa			
na linguagem familiar peculiarmente nossa			
expressão natural no nosso falar e escrever			
nosso vernáculo			
nosossos brasileirismos			
nosso povo bahiano			
cousas do nosso falar			
nossa querida lingua			
interessante aspecto de nossa lingua frente ao nosso “fazer café”			

Uma outra peculiaridade de Galdino Moreira diz respeito à sua falta de radicalismo sobre o uso de estrangeirismos ou neologismos de importação. A recusa ao empréstimo lingüístico não é levada a extremo. Ele não considera ser esse um fenômeno incompatível com a “pureza vernacula”. Assim se coloca:

Expungir do vernaculo tudo quanto o desprimóre e o desnacionalize é, sem duvida, obra patriotica e louvavel. Mas, ultrapassar esse limite para esbarrar no caturrisimo dogmatico e irrazoavel de só notar erros, barbarismos e bastardias no que se oiça e se leia de outrem, eis o que não pode servir, não pode ser. (Cousas do Vernaculo, 03/09/1920)

Determinado a evitar o que ele denomina de “caturrisimo inutil”, busca seguir critérios de análise sobre os estrangeirismos, como pode ser visto a partir da definição de galicismo e dos aspectos que determinam a “legitimação” e a inclusão dos termos na língua vernácula.

1 - Que “gallicismos” são expressões ou modos de dizer peculiares á lingua francêsa, transplantada ao português sem razões plausiveis

2 - Que as razões plausiveis para a adopção de vocabulos ou phrases oriundas do francês, no vernaculo, são tres: ‘a necessidade’, o uso ‘classico’ e a ‘analogia linguistica’. (Cousas do Vernaculo, 28/10/1920)

Penso que a contribuição de Galdino Moreira e o seu destaque em relação aos seus colegas tenha sido a sua tendência para aceitar o novo e para encarar velhas atitudes em um momento marcado por dúvidas e tensões.

No que se refere às colunas apresentadas neste trabalho, acredito que através das mesmas foi possível acompanhar um pouco do debate sobre a língua vernácula na imprensa da Bahia.

Para finalizar, as palavras de Galdino Moreira.

“Muito obrigado, amigos meus. O que nestas caturrices tracejo não vale dous corações” (...)

“E, ponto por hoje.” Galmor. (Cousas do Vernaculo, 09 e 15/09/1920)

Fontes impressas

Coluna – *Cousas do Vernaculo*

Jornal – *Jornal de Noticias*

Autor – Galdino Moreira – Pseudônimo – Galmor

Localização – AIHGB – Arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – Caixa 02 – Recortes e Arquivo da Biblioteca Pública Central de Salvador – Sessão de Periódicos Raros.

Data – Publicada entre 1920 e 1921

Dimensões da Página – O tamanho da coluna variava entre 18 cm X 6,5 cm a 49,5 cm X 6,5 cm

Data	Título
1. 07 de agosto de 1920	<i>Um néologismo: emphatizar ou emphasisar?</i>
2. 20 de agosto de 1920	<i>Empôla? ou Ampôla?</i>
3. 25 de agosto de 1920	<i>Iôdo ou Iódo?</i>
4. 03 de setembro de 1920	<i>Será gallicismo?</i>
5. 06 de setembro de 1920	<i>Encouraçado – Phrenesi – D.Iria</i>
6. 15 de setembro de 1920	<i>Flanar. Flirtar. Dialecto Brasileiro. Dor de Orelhas</i>
7. 25 de setembro de 1920	<i>Você e Tu</i>
8. 01 de outubro de 1920	<i>“Vir de” por “acabar de”</i>
9. 26 de outubro de 1920	<i>Que é gallicismo? Tres canones</i>
10. 28 de outubro de 1920	<i>Que é gallicismo. Exemplos</i>
11. 30 de outubro de 1920	<i>Pequenez de espirito. Pouco a pouco. Calma. Lavagem</i>
12. 06 de novembro de 1920	<i>Departamento - Carta branca – Crèche - Canapé</i>
13. 09 de novembro de 1920	<i>Flandeiro- Dois plebeismos – “Fogo de palha”</i>
14. 11 de novembro de 1920	<i>Erraria o Camões? Luneta. Pamphleto</i>
15. 25 de novembro de 1920	<i>“Encontraram-no cantando – Mão de obra – vontades – Zerfir”.</i>
16. 27 de novembro de 1920	<i>Replica ao professor Francellino</i>
17. Novembro de 1920	<i>Com os mestres</i>
18. 21 de dezembro de 1920	<i>Uma anomalia gramatical</i>
19. 1920?	<i>Secretario ad hoc. Collarinho ou colleirinho? Rapadura ou raspadura?</i>
20. 1920?	<i>O verbo FAZER – “Fazer café”</i>
21. 1920	<i>Treplica ao professor Francellino</i>
22. 03 de fevereiro de 1921	<i>(Sem título)</i>
23. 05 de março de 1921	<i>O Sr. Freitas estranhou... E.C.P.P me pergunta...</i>

Outras colunas

1. Coluna – *O Verna'culo*

Jornal – *Diario de Noticias*

Autor – Francellino de Andrade

Localização – AIHGB – Arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – Jornais antigos

Data – 04 de novembro de 1920 – Título – *Ad magistros epistola*

2. Coluna – *Anomalias Gramaticais*

Jornal – *Diario de Noticias*

Autor – J. Teixeira Barros

Localização – AIHGB – Arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – Caixa 2 – Recortes

Data – 1920 – Título – (Sem título)

Referências Bibliográficas

AUROUX, S. (1992) *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

CUNHA, C. (1986) *língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro.

DIAS, L. F. (1996) *Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. Campinas, SP: Pontes.

FIGUEIREDO, C. de. (1938). *Estrangeirismos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. Volume I, 5ª edição.

FOUCAULT, M. (1992). *O que é um autor?* Passagens.

GUIMARÃES, E. (1987) *Textos e argumentação. Um estudo de conjunções do Português*. Campinas, SP: Pontes.

_____. (1989) “Enunciação e história”. In: *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

_____. (1991) “Os sentidos da república no Brasil”. In: *Revista pro-posições*, 5. São Paulo, SP: Cortez.

_____. (1995) *Os Limites do sentido*. Campinas, SP: Pontes.

_____. (1996) “Os sentidos de cidadão no Império e na República no Brasil”. In: *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes.

_____. (1999) “Uma política da língua em Said Ali: o culto como norma e a recusa do purismo”. Trabalho apresentado no *GT de Análise do Discurso da ANPOLL* em Florianópolis, (mimeo).

- LEMOS, V. de (1959). *A língua portuguesa no Brasil*. Salvador, BA: Livraria Progresso Editora.
- ORLANDI, E. P. (1996) *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- PIMENTEL, E. P. (org.) (1978) *O português do Brasil: textos críticos e teóricos, 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história*. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo, SP: Edusp.
- TORRES, João N, CARVALHO, Alfredo de.(1911) *Annais da Imprensa da Bahia: primeiro centenário 1811 a 1911*. Salvador, BA: Typografia Bahiana de Cincinnato Melchiades, p. 105 e 115.